

FUNDO JBS PELA



informa

Ano I • Nº 1
Outubro a dezembro de 2022

CONHEÇA O TRABALHO REALIZADO PELO FJBSA ESTE ANO

Organização
fecha 2022
com mais de
R\$ 60 milhões
de investimentos
em 17 projetos



AMAZÔNIA É PEÇA-CHAVE PARA O CUMPRIMENTO DAS METAS DA COP27
E DO MARCO GLOBAL DA COP DA BIODIVERSIDADE POR PARTE DO BRASIL

EDITORIAL

2022: um ano de desafios e aprendizados

O primeiro número da newsletter trimestral do Fundo JBS pela Amazônia Informa nasce com os desafios propostos na 27ª conferência do clima da Organização das Nações Unidas (ONU), a COP27, realizada em novembro, em Sharm-El-Sheikh, no Egito, e com a criação do Marco Global da Conferência de Biodiversidade da ONU, COP15, em Montreal, no Canadá, realizada neste mês.

A COP27, considerada inicialmente a COP da Implementação e, após o evento, COP da Perseverança, reposicionou o Brasil no centro dos debates sobre a necessidade urgente de se preservar a Amazônia e minimizar a crise climática. Ficou evidente que é preciso escalar um modelo de produtividade dentro de uma ótica de agricultura de baixo carbono no bioma. Um relatório divulgado pela coalizão AYA Earth durante a conferência estima potencial de adição de até US\$ 150 bilhões por ano ao PIB com economia verde, o que pode colocar o país na liderança deste modelo. Outro marco importante para o Brasil foi o lançamento oficial do “Plano Estadual de Bioeconomia” do Pará, elaborado com a participação das comunidades tradicionais e indígenas da região.

Na linha da segurança alimentar, vários painéis debateram o desafio da produção de alimentos para atender 8 bilhões de pessoas. Mostramos, a convite do The Good Food Institute Brasil (GFI Brasil), a importância dos produtos provenientes da floresta em pé para o mercado de alimentos plant-based, que vem ganhando espaço na mesa dos brasileiros.

Sobre a COP15, pontuamos que a Amazônia



é peça-chave para o cumprimento das metas do Marco Global de Biodiversidade Kunming-Montreal, por parte do Brasil. Assinado por mais de 190 países, em Montreal, o acordo estabeleceu 23 metas. Entre elas, está a reversão da perda de biodiversidade no planeta. O acordo estabelece que o mundo salte pouco mais de 15% de áreas conservadas atualmente para pelo menos 30% até 2030, além de restaurar outros 30% de áreas degradadas e zerar a perda de territórios biodiversos. Também houve o reconhecimento dos direitos, territórios e conhecimento dos povos indígenas, guardiões da floresta e da biodiversidade. Ainda, os países devem investir, inicialmente, US\$ 20 bilhões por ano até 2025 em iniciativas para proteger a biodiversidade, e depois US\$ 30 bilhões por ano até 2030.

Ao longo do informativo, você vai saber mais detalhes da participação do FJBSA nas duas grandes conferências, com a bioeconomia da Amazônia na tônica das discussões.

Você também poderá acompanhar um breve balanço de 2022 e as expectativas para a implementação do Planejamento Estratégico para o próximo ano.

Temos em comum a transformação do presente e a construção do futuro da Amazônia e do Brasil.

Boa leitura!



Lançado na COP27, o Plano de Bioeconomia do Pará foi construído com ampla consulta com quilombolas, indígenas, entre outras comunidades tradicionais



POR DENTRO DA AMAZÔNIA

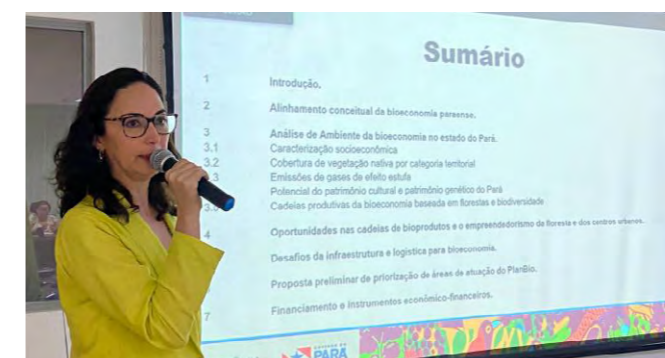
Conheça o Plano Estadual de Bioeconomia do Pará

O Fundo JBS pela Amazônia prestigiou de perto o lançamento oficial do “Plano Estadual de Bioeconomia” na COP 27. O modelo de economia sustentável do Pará foi construído nos últimos meses com ampla consulta com quilombolas, indígenas entre outras comunidades tradicionais. Com o conceito “floresta em pé”, ele propõe conciliar as vocações

econômicas do Pará às técnicas e práticas sustentáveis de utilização do solo, da terra e de diminuição da emissão de gases de efeito estufa (GEE), sem que haja prejuízo a todos os setores e garantindo mais emprego para a população local e investimentos internacionais na região. As estratégias estão em sinergia com o propósito dos projetos financiados e im-

plementados pelo FJBSA e parceiros, entre elas o fomento da cadeia da bioeconomia e da melhoria da qualidade de vida dos povos que vivem da floresta. A discussão sobre o projeto teve início na COP 25 e agora mostra os seus primeiros resultados. A estimativa é que gere receita de R\$ 129 bilhões até 2040.

Leia mais aqui



EXPEDIENTE

Fundo pela AMAZÔNIA JBS

Presidente do FJBSA: Joanita Maestri Karoleski

Diretora do FJBSA: Andrea Azevedo

Gerente executivo de projetos: Lucas Scarascia

Redação e Edição: Marcela Haddad e Daniela Nahass

Projeto gráfico e diagramação: Hudson Franco

<https://fundojbsamazonia.org/>

fundo-jbs-pela-amazonia

comunicacao@fundojbsamazonia.org

EVENTOS



Painel Agricultura de Baixo Carbono

O Brasil tem um enorme potencial em se tornar modelo de uma agricultura de baixo carbono, com investimentos voltados a pequenos produtores. Um dos desafios é desenvolver arranjos produtivos com a valorização da Amazônia em pé. Este foi um dos temas debatidos no painel Agricultura de Baixo Carbono, promovido pelo Consórcio Amazônia Legal (IPAM Amazônia). Para mostrar o trabalho do Fundo JBS pela Amazônia, a diretora Andrea Azevedo apresentou o projeto Restauramazônia, apoiado pela organização e implementado pela Fundação Solidaridad. Dentre os incentivos para uma agricultura de baixo carbono estão: a possibilidade de aumento de renda do produtor familiar, a redução do desmatamento e a regularização ambiental.

“Nosso grande desafio é dar escala aos modelos como o Restauramazônia e fazer com que este caso seja atrativo e de fácil acesso aos produtores. A ideia é atrair cooperativas da região para realizar trabalho de Ater (Assistência Técnica e Extensão Rural), de compra coletiva de insumos, com maior capital de giro para ter mais poder de comercialização de cacau”, comenta Andrea.

A iniciativa, financiada pelo FJBSA, transforma áreas degradadas em pastagem melhorada, com uso de boas práticas de manejo e sem o uso do fogo. O arranjo é elaborado a partir da restauração florestal produtiva usando sistemas agroflorestais com cacau, mandioca, banana e espécies arbóreas nativas. O projeto, executado pela Solidaridad, em cinco anos, estima beneficiar 1500 famílias, chegar a 75 mil hectares de áreas restauradas por SAFs e manejo sustentável de pastagem, promover aumento de renda direta, na ordem de 30%, aos produtores, a partir da melhoria de produtividade.



Ater- Assistência Técnica e Extensão Rural



Em painel na COP27, a diretora do FJBSA pela Amazônia, Andrea Azevedo, explicou que o grande destaque é dar escala a modelos como o Restauramazônia, além de aumentar a renda do produtor familiar, reduzir o desmatamento e viabilizar a regularização ambiental

EVENTOS



Painel Construção e Inovação da Bioeconomia Amazônica: Financiamento Climático: Como Canalizar Recursos para a Bioeconomia Amazônica

Joanita Maestri Karoleski, presidente do FJBSA, apresentou os projetos de Bioeconomia, Ciência e Tecnologia apoiados pelo FJBSA no painel Construção e Inovação da Bioeconomia Amazônica durante a COP 27. “O nosso foco é buscar soluções para resolver duas questões primordiais: a conservação da floresta e a recuperação de áreas degradadas”, afirmou. Ela destacou ainda a importância de financiamento de fundos privados, usando capital paciente para apoiar modelos de negócios inovadores que envolvam as comunidades que focam na manutenção da floresta e na conservação da biodiversidade. “As iniciativas precisam ser construídas com os parceiros da Amazônia e comunidades”, destaca. A diretora também frisa a importância de ações estruturantes para apoiar o desenvolvimento da sociobioeconomia como, por exemplo, a conectividade na floresta, que é um dos projetos do FJBSA. “Neste aspecto, a iniciativa privada tem muito a agregar. Ela pode levar essa mentoria e a experiência de negócios para dentro da Amazônia”.



Joanita Karoleski afirma que as ações precisam sempre ser construídas com os parceiros da Amazônia e comunidades



Assista ao painel

EVENTOS



Painel Zero-conversion food InovAmazônia (GFI- Brasil)

O número de pessoas afetadas pela fome no mundo subiu para 828 milhões em 2021, um salto de cerca de 46 milhões desde 2020, segundo a edição de 2022 do relatório “O Estado de Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo” das Nações Unidas. Em 2022, o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil apontou que 33,1 milhões de pessoas não têm garantido o que comer — o que representa 14 milhões de novos brasileiros em situação de fome. Conforme o estudo, mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau: leve, moderado ou grave.

Ao mesmo tempo a agropecuária ainda é uma atividade que é muito intensiva em recursos naturais e tem causado avanço nas florestas do mundo)

Para o The Good Food Institute (GFI), o mundo deveria investir US\$ 10 bilhões por ano na indústria de proteínas alternativas para mitigar impactos ambientais de atividades convencionais e ter um alcance maior na segurança alimentar. A solução tem se mostrado viável para a crise ligada à produção de proteínas.

O bioma amazônico, por exemplo, tem um enorme potencial de espécies nativas como Açaí, Babaçu, Cacau, Castanha do Brasil, Cupuaçu, Guaraná e Tucumã para a indústria plant-based.

Ao lado do Fundo JBS pela Amazônia, o GFI-Brasil apresentou na COP 27 seu mais novo projeto de incentivo à pesquisa, o Inovamazônia. Com apoio técnico e financeiro do FJBSA, o programa vai desenvolver soluções e ingredientes alimentícios para a indústria de proteínas alternativas vegetais, conhecidas como plant-based a partir de espécies nativas do bioma amazônico.



“É preciso fortalecer a relação entre indústria e pesquisadores para que a Amazônia se torne um grande hub na bioeconomia do Brasil”, ressaltou Andrea Azevedo, diretora do FJBSA em painel da COP27

Serão investidos cerca de R\$ 2,7 milhões para a realização de pesquisas exploratórias e aplicadas que identifiquem o potencial de espécies nativas para a indústria plant-based. “Precisamos promover este salto na inovação e olhar para o bioma amazônico como uma oportunidade, e não como um problema. A conservação da biodiversidade tem um real potencial econômico. Para isto, temos que fortalecer a relação entre indústria e pesquisadores para que o processo tenha mais eficiência e a Amazônia se torne um grande hub na bioeconomia do Brasil”, ressaltou Andrea Azevedo, diretora do FJBSA.

Para isso, o programa vai envolver 40 pesquisadores capacitados em proteínas alternativas e em estratégias para elaboração de propostas competitivas, com o envolvimento de seis organizações locais. “Nossa agenda na COP27 teve dois focos principais: transformação dos sistemas alimentares, que são responsáveis por mais de 30% das emissões de gases do efeito estufa; e participação do sul global na criação de soluções para a crise climática, tendo em vista a necessidade de financiar talentos que estejam próximos aos problemas que precisam ser resolvidos”, disse Gustavo Guadagnini, presidente do GFI Brasil e participante do painel Zero-conversion food.

[Leia mais aqui](#)

EVENTOS

COP da Biodiversidade (COP15) em Montreal

A Amazônia tem um ecossistema grandioso, com espécies únicas. Estima-se que a floresta abriga 15% de toda a biodiversidade do planeta (Ministério do Meio Ambiente). Ao mesmo tempo, é frágil diante da exploração desordenada de seus recursos, e continua em constante risco. Não basta preservar a biodiversidade que existe hoje no bioma, temos que recuperar o que já foi perdido. Se chegarmos a 25% de desmatamento, a maior floresta tropical do mundo pode entrar em processo de savanização, sem possibilidade de reversão. Isso implica na urgente necessidade de uma nova economia, com incentivos à implantação de arranjos produtivos para além dos convencionais, que valorize a floresta em pé e fortaleça as cadeias produtivas das comunidades locais.

Existem novas oportunidades para atividades da bioeconomia da floresta que podem transformar os desafios da região em oportunidades de negócios sustentáveis. Este foi um dos assuntos tratados pela diretora Andrea Azevedo, no painel no canal Central da COP 15- Negócios e Biodiversidade na COP15 em Montreal, uma iniciativa do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), e falou sobre os pontos de destaque da convenção. Com um olhar especial no Biodiversity e Business Forum, ela destacou a evidente demanda dos negócios presentes por um framework claro no tema da conservação e biodiversidade, capaz de dar um direcionamento para que as empresas possam medir, valorar, priorizar, engajar os negócios no bioma e promover novos modelos de negócio. “A mensagem clara foi que não adiantam apenas metas. É preciso um mapa do caminho para dar mais sentido a ferramentas como o biocrédito”, resumiu.

Andrea apontou também para a



Painel do Cebds na COP15 debateu sobre as atividades da bioeconomia da floresta e sobre os desafios da região em criar oportunidades de negócios sustentáveis

A COP da Biodiversidade foi realizada entre 7 e 19 deste mês e o resultado final da Cop se encontra aqui



quantidade de fundos de investimento com nature based solutions presentes na convenção e fez um paralelo entre o papel do Fundo JBS Pela Amazônia e outras organizações na mudança do cenário da biodiversidade no mundo.

Muitos destes investimentos não chegam às comunidades vulneráveis e aos produtores descapitalizados e sem acesso a assistência técnica necessária, como é o caso da agricultura familiar na Amazônia. “Por isso, o FJBSA quer atuar com capital catalítico para atestar modelos que estimulem outros recursos a investir no início da cadeia da pecuária e em restauração florestal por meio de sistemas agroflorestais (SAFs) e sistemas de LPF, reduzindo o risco para possíveis investidores de impacto”, relata..

Com o modelo de atuação, o FJBSA espera atrair fundos e investidores que queiram trabalhar não apenas com nature based solutions, mas também com o impacto social, já que essa relação é muito importante em países desiguais como o Brasil. O painel foi moderado por Henrique Luz Santos, do Cebds, e também contou com a participação de: Juliana Lopes, da Feature Carbon Solutions; Mariana Appel, da Ambev; e Elisa Dezolt, da Vale.

[Assista ao painel](#)

EVENTOS

Blended Finance pode ativar o ecossistema de negócios de impacto na Amazônia

Para romper com o modelo de desvalorização da floresta e ativar o ecossistema de negócios de impacto socioambiental, é necessário criar novas formas de financiamento da bioeconomia, visando a geração de renda no campo e a competitividade econômica com a manutenção da floresta em pé. Este foi um dos temas tratados por empreendedores, investidores, financiadores, academia e organizações da sociedade civil no 2º Festival de Investimento de Impacto e Negócios Sustentáveis da Amazônia (Fiinsa), em novembro, em Manaus (AM).

A diretora do FJBSA, Andrea Azevedo, participou do painel Blended Finance: a Importância do Financiamento Híbrido para Fomentar Negócios Sustentáveis ao lado de representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) e da Meraki Impact. Para ela, os investimentos híbridos são particularmente adequados para empreendimentos que estão no momento de crescimento para ganhar escala. “Também podem atuar como ponte para que os negócios comunitários acessem o Pronaf, estimulando o uso do crédito rural, como garantia complementar, aval ou recuperação de crédito”, observa. Andrea observa que para a maioria dos negócios comunitários ainda há necessidade de investimentos públicos ou filantropia, sobre-



FJBSA debateu sobre a importância do financiamento híbrido para o fomento de negócios sustentáveis na Amazônia durante o 2o Fiinsa

tudo para resolver gargalos estruturantes como falta de assistência técnica e problemas de regularização ambiental e fundiária, além de apoio à capacitação para gerir os negócios.

A diretora expôs os casos de dois projetos financiados pelo Fundo JBS pela Amazônia. Um deles é o Destramamento de Crédito para Bioeconomia da Floresta, criado e implementado pela Conexsus com cofunding de parceiros. A iniciativa visa fomentar cadeias da floresta - castanha, açaí, pescado, madeira, óleos e resinas - por meio da facilitação de acesso ao crédito rural. O valor de investimento do fundo é de R\$ 1,53 milhões. A meta é a contratação e treinamento de ativadores locais para viabilizar ao menos 2.500 contratos de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em



Mariano Cenamo, diretor de novos negócios do Idesam e CEO da AMAZ, destacou que não é possível atingir os compromissos se não houver a construção de uma nova economia na Amazônia para promover prosperidade e desenvolvimento com a conservação de florestas

um período de dois anos.

Em outubro, foram fechados 112 contratos pelo Pronaf B- financiamento a agricultores e produtores rurais familiares (pessoas físicas) que tenham obtido renda bruta familiar de até R\$ 23 mil por ano. Essa foi a primeira vez que o Banco da Amazônia (Basa) liberou o montante de R\$ 354 mil de uma só vez para uma comunidade localizada em Portel, na Ilha do Marajó (PA). Em maio, 83 contratos já haviam sido assinados na região, totalizando 195. O crédito será utilizado para ampliação da área de manejo e aquisição de instrumentos e ferramentas para realização do trabalho.

De acordo com Fernando Moretti, coordenador da Rede de Ativadores de Crédito Socioambiental do Instituto Conexsus, é importante levar esses créditos a famílias de ribeirinhos e agroextrativis-

tas e povos tradicionais, fundamentais para a conservação da floresta. “O crédito ajuda as famílias a aumentar a área manejada, a comprar equipamentos e melhorar a produção de modo sustentável, o que impacta no incremento de renda familiar de até 40%”, explica.

O outro projeto é a Amaz-Aceleradora de Impacto, executado pelo Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (Idesam), com aportes de R\$ 2,6 milhões provenientes do Fundo JBS pela Amazônia. Ao longo de dez anos, será criado um fundo de investimento blended finance para acelerar 30 startups para alavancagem de negócios da floresta, com estímulo ao ambiente empreendedor e apoio de investidores. A meta é gerar renda para 10 mil famílias.

De acordo com o idealizador do evento, Mariano Cenamo, diretor de novos negócios do Idesam e CEO da AMAZ aceleradora de impacto, não é possível atingir os compromissos se não houver a construção de uma nova economia que a Amazônia precisa para promover prosperidade e desenvolvimento com a conservação de florestas e a redução de desigualdades. “O Festival foi considerado um pontapé inicial, um centro de ebulição intelectual e prática em torno das soluções que nós precisamos construir para trilhar esse caminho,” avalia.

FJBSA EM CAMPO

FJBSA fecha 2022 com mais de R\$ 60 milhões de investimentos em 17 projetos

INICIATIVAS COM FOCO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA CHEGARAM PARA DIVERSIFICAR A CARTEIRA DA ORGANIZAÇÃO

O FJBSA fechou, em 2022, 11 projetos, estudos e diagnósticos voltados para a conservação da Amazônia. Estes e mais outros seis projetos já pertencentes à carteira da organização vão receber, no total, investimentos de R\$ 60,3 milhões. Juntos, eles devem beneficiar mais de 15800 famílias até 2030. A área conservada deve alcançar quase 10 milhões de hectares, o equivalente a 10 milhões de campos de futebol.

Lucas Scarascia, gerente Executivo de Projetos do FJBSA, afirma que os últimos projetos somados ao portfólio da organização têm forte foco em ciência, tecnologia e inovação.

Um deles é o Inovamazônia: Ingredientes para o Mercado de Alimentos Vegetais, coordenado pelo The Good Food Institute Brasil (GFI Brasil), voltado ao desenvolvimento de alimentos plant-based a base de ingredientes da floresta. Um importante passo foi dado em dezembro, com o início da seleção de pesquisas via chamada para Financiamento à Pesquisa Exploratória e Aplicada com foco no Bioma Amazônia. Os ingredientes desenvolvidos devem buscar atender os maiores desafios enfrentados pelo mercado brasileiro de produtos vegetais. O resultado da primeira fase está previsto para ser divulgado em 23 de janeiro.

“Este projeto aplica a tecnologia a favor da segurança alimentar e da saúde, pela ótica do consumo e para a valorização das comunidades locais e do potencial de bioprodutos da floresta pelo aspecto da produção. E a Amazônia, a maior maior floresta tropical do planeta, com exuberante biodiversidade, tem um enorme potencial neste mercado”, explica Scarascia.

O Proteínas da Amazônia, outro projeto de pes-



Pesquisadores do projeto Geoflora fecham o ano com a aquisição de um super drone com sensor Lidar, uma tecnologia disruptiva capaz contribuir com o manejo florestal de precisão

quisa aplicada, busca o desenvolvimento de alternativas para a extração de proteína (extratos proteicos) da semente de cupuaçu e da castanha-do-Pará para aplicações na indústria alimentícia. O FJBSA fornece apoio para a primeira fase da iniciativa, que consiste na avaliação preliminar de viabilidade dos processos, com prova de conceito e estudo de viabilidade técnico-econômica. A equipe já montou o cronograma de testes, incluindo período de centrifugação, avaliação do tempo de desgaste da proteína, entre outros. O piloto está sendo desenvolvido na Cooperativa RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado) em Nova Califórnia (RO). Os parceiros são o Senai Cetiqt, Senai e Embrapii.

Os pesquisadores do projeto Geoflora, realizado pela Embrapa Acre e executado em parceria com o Fundo JBS pela Amazônia, fecham o ano com a aquisição de um super drone com sensor Lidar. O equipamento já está sobrevoando a floresta para a coleta de imagens em 3D, de altíssima resolução. Esta é a primeira vez que os pesquisadores da Embrapa Acre coletam dados da floresta com este tipo de tecnologia. Para viabilizar esta etapa de captação, os técnicos finalizaram, em dezembro, o trabalho de campo em Lábrea, no Amazonas, região que atua como um laboratório vivo para o acompanhamento do comportamento das árvores. A primeira ação foi a medição precisa do diâmetro de aproximadamente 5 mil árvores para saber o quanto elas crescem em um determinado período. “Este projeto tem uma tecnologia disruptiva. Ele é capaz de aprimorar ferramentas tecnológicas para a ampliação da automação do planejamento e execução de inventários florestais para o manejo florestal de precisão”, afirma Scarascia.



Apresentação do planejamento estratégico contou com ampla participação da governança do FJBSA

Ainda na esteira da tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, o gerente destaca o projeto “Bioplástico da Amazônia”, uma parceria com a World-Transforming Technologies (WTT), Idesam e instituições acadêmicas. iniciativa desenvolve pesquisas com fibras amazônicas para a criação de plásticos com componentes biodegradáveis, reduzindo sua dependência de insumos não-renováveis. Ele busca, por um lado, a organização da oferta de resíduos do ouriço da castanha e da madeira no Amazonas, gerando renda adicional às comunidades e, por outro, a estruturação de linha de produção da fábrica para atender este objetivo.

A mobilização com as comunidades já começou. Estão sendo realizadas reuniões com cooperativas para ver como será o fornecimento de matéria-prima. De acordo com o gerente de operações da WTT, André Wongtschowski, neste projeto os bioinsumos da região estão sendo utilizados de forma inédita no segmento dos bioplásticos, com resultados iniciais muito promissores. “Estudos como esse são fundamentais para encontrar caminhos de agregação de valor aos produtos da biodiversidade. Muito mais pode ser feito se as pesquisas feitas com insumos da Amazônia forem alinhadas às demandas de mercado e da sociedade, e se atores de fora das academias participarem ativamente da construção das cadeias de valor necessárias para dar vida às inovações mais promissoras”, observa.

A estimativa é que 2400 hectares sejam conservados, 40 famílias beneficiadas e com incremento de 44% na renda. Cerca de 400 famílias devem ser impactadas indiretamente, com 11% de aumento na renda.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

Ao longo de 2022, o FJBSA percorreu um caminho de aprendizados que permitiram reestruturações para o desenho de um novo modelo. Em 2023, a organização dará início a uma nova fase, dedicada à implementação do Planejamento Estratégico, elaborado no decorrer do ano a partir de seu natural amadurecimento, das lições aprendidas entre 2021 e 2022 e de uma ampla consulta dentro do ecossistema em que atua. Este novo modelo, previsto para vigorar até 2030, definiu a continuidade dos três eixos de atuação e novos programas para o FJBSA: Cadeias Produtivas (Pecuária de cria de baixo carbono; Sistemas agroflorestais), Bioeconomia (Aceleração e investimento em negócios da Bioeconomia) e Ciência e Tecnologia (Bioprodutos; Conectividade; Energia e Mobilidade). Juntos, eles permitirão fortalecer as cadeias produtivas em áreas degradadas, sobretudo a pecuária em sistemas agroflorestais ligadas à agricultura familiar, além de apoiar o acesso a recursos financeiros para negócios que valorizam a floresta em pé e incentivam a ciência e a tecnologia. Deste desenho também foi desenvolvida sua Teoria da Mudança (TM), feita a partir do estudo dos desafios das cadeias onde o FJBSA atua e seu posicionamento estratégico. Ela prevê que toda iniciativa aprovada - inclusive se for um negócio - deve considerar a conservação ou aumento da biodiversidade, estimular a redução da pobreza e da desigualdade territorial e respeitar o conhecimento científico e o tradicional. Temas como educação, formação e fortalecimento das organizações sociais são transversais muito importantes no trabalho na Amazônia.

O plano ainda prevê o fomento de um ambiente empreendedor mais estruturado, para além do capital filantrópico. A proposta é apoiar negócios inclusivos, rentáveis, de impacto positivo, construídos a partir de modelos viáveis e de maior atratividade que aqueles atrelados ao desmatamento. “Desta forma, será possível entregar mais qualidade de vida às populações locais e promover a conservação do bioma amazônico. Esperamos que o novo modelo facilite as tomadas de decisões e a capacidade de gestão adaptativa, por meio do estabelecimento de objetivos, metas e medição frequente dos avanços”, afirma Andrea Azevedo.